

Obras de

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

O PALÁCIO JAPONÊS



DO MESMO
AUTOR DE
O Meu Pé de
Laranja Lima

 fábula

Para os meus sobrinhos:

*Brasinha da Nilce do Hélio de Porto Alegre
Cacá do André de Campinas
Celsinho do Nelson
Daniel do Jacques
Dorivalzinho do Dodô
Huguinho do Clemente
João Paulo (queridão) do Thomaz
Lico e Totó do Gut
Marcelo e Sérgio do Horácio
Márcio do seu Artur (Francisco) de Jundiá
Marco Antônio do Ireno de Ubatuba
Maurício do Dr. Biagio Motta
Pedrinho, Joãozinho e Arnaldinho do Arnaldo
Ricardo do Marcello
Paulo do Moysés Wainer
Tarcizinho do Dr. Tarcízio de Natal*

E mais os meninos grandes:

*Décio Diêgoli
Jamil Francisco
Alcyr Zabeu
Oswaldo Bouças
José Higino
Marcos Flávio
Armando
João Roberto
e
Júlio
e para
Elvira Barcelos Sobral (Madrinha Vivi)*

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

1 A Flor da Vida	11
------------------	----

SEGUNDA PARTE

2 A Outra Flor	55
----------------	----

*Quando em sua vida aparecer
o Palácio Japonês, toque a
sua flauta da alegria com
modulações de ternura.*

Sabedoria ao sabor oriental

PRIMEIRA PARTE

A Flor da Vida



Se havia chuva ele se encolhia mais na sua tristeza e não tinha vontade de fazer nada. Parecia até que a preguiça se colava na ponta de cada dedo de sua monotonia e a rede da alma armava-se nos ganchos da indiferença. Ficava horas e horas com o rosto atrás da vidraça da única janela do seu modesto quarto. Rosto colado contra o vidro a ver a chuva se derreter em gotas sobre as folhas do jardim maltratado. Achava bonito na sua pequena contemplação que numa terra igual nascessem duas árvores diferentes. E que flores assim vizinhas fossem tão diversas no seu formato e no colorido.

Se o dia se tornava cinza, feio e friorento, saía de casa, com as mãos no bolso e a gola do paletó levantada, escondendo o rosto magro. Os cabelos lisos e loiro-acinzentados caíam-lhe sobre a testa emoldurando-lhe os traços finos, os olhos quase azulados. Andava sem

vontade de nada. Caminhava ao comprido das ruas, metia-se no meio da multidão se confundindo ao nada para também nada ser. Se tinha dinheiro comia melhor. Se tinha pouco dinheiro, alimentava-se de uma simples média e dois pães sem manteiga por ser mais econômico. Ou então deixava o estômago no vácuo até que encontrasse algum conhecido, uma pessoa amiga que lhe oferecesse dinheiro emprestado. Isso sem pedir. Sem pedir era mais uma garantia de que não precisava pagar.

O quarto da pensão, às vezes atrasava um pouco. Mas quando conseguia um bom negócio adiantava vários meses. A sua senhoria tinha pena dele e achava-o um bichinho de casulo, não incomodando em nada e sorrindo de uma maneira que só os anjos deveriam sorrir.

No *atelier* a sorte ainda o protegia mais. Porque o velho português, seu Matias, vaticinava que mais dia menos dia ele seria um grande artista e seus quadros valeriam muito. Por isso não se incomodava de receber um desenho ou um quadro em paga de um aluguel bastante modesto.

— Um dia a mais, um dia a menos!...

Recebia em paga do consolo o mesmo sorriso que enchia de luz o seu rosto.

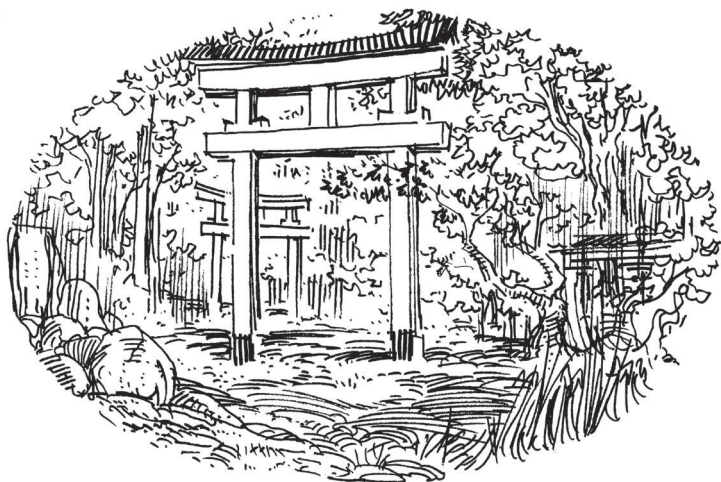
Mas hoje o dia estava lindo. O mês de abril aparecera naquele equilíbrio encantador. Dono de todo o azul do céu, trazendo o primeiro beijo do frio. Trazendo até um pouco de ânimo ao coração. Assim, sim. Dava vontade de procurar o *atelier* e trabalhar um pouco, assobiando

uma cantiga qualquer que ficava horas e horas repetidas na sua distração.

Acabava de se vestir e tentava colocar o cabelo no lugar, penteando-se. Antes mesmo de chegar à rua ele escorregaria pela testa, achando que aquele era mesmo o seu lugar.

Abriu a porta do quarto e decidiu sair. Antes mesmo de fechar a porta teve o cuidado de espiar se «eles» o seguiam. Os seus fantasmas da infância. Quando deixava passar o trenzinho e a canoinha, aí, sim. Caminhava pela rua, atravessava os sinais com cautela para que nada acontecesse aos seus fantasminhas imaginários que o seguiam abrigando-se na sombra da sua ternura.

No mais Pedro era assim. Assim mesmo.





2

Na verdade, o que mais apreciava numa cidade como São Paulo era penetrar na Praça da República. Olhar demoradamente o lago meio sujo, meio abandonado. Os peixes vermelhos nadando tão livres. Os irerês coçando as penas, enfiando a cabeça entre as asas. Ence-
rando depois as peninhas coloridas com paciência, uma por uma.

Levantar a vista para as árvores e desejar ser um esquilo para poder se colocar bem junto dos pombos e conversar com eles. Bonito, quando os homens e as crianças jogavam miolos de pão ou grãos de pipoca.

Entretanto, o que podia existir de mais bonito na praça do que as crianças brincando no parque? Nada. Todas elas vestindo infância. Num alarido de pássaros sem gaiola. Jogando bola, correndo. Verdade que nenhuma delas trazia uma canoa ou um trenzinho como ele possuía.

Dali criava coragem para dirigir-se ao *atelier*.

Hoje procuraria demorar-se mais, porque o mês de abril, como dissera, estava de céu mais azul, tocara os rebanhos de carneiros brancos das nuvens para azular-se mais. O Sol vinha tão macio com patas douradas iluminar a grama.

Procurou um banco vazio, sentou-se, agasalhou com cuidado os seus brinquedos na sua sombra para que ninguém os pisasse e fechou os olhos, levantando o rosto para melhor sentir o Sol.

Alguém levemente se sentou na ponta do banco. Mas não ligou porque o banco era de todos, igual ao Sol.

Quando sentiu o rosto confortado voltou a uma posição mais plana e olhou quem se sentara. A seu lado um velho, de cabelos brancos, rosto muito calmo, sorria para ele. Correspondeu ao sorriso de simpatia. Pensou mesmo que aquele rosto daria um belo desenho. Porque o Sol brilhava mais nos seus cabelos bem alvos e criava mais luz nos olhos cansados.

— O senhor gosta muito de vir aqui, não?

— Sempre que o tempo está bonito eu venho. Numa cidade como São Paulo existem poucos lugares tão lindos como essa praça.

— Todos os dias eu o vejo contemplar os pombos.

— É verdade.

— Depois o senhor se debruça sobre as águas do lago para olhar os peixes vermelhos.

— Exato.

— Depois procura esse canto para melhor contemplar as crianças.

— Como descobriu tudo isso?

— Também sempre venho quando o dia está bonito.

Sem querer olhou os pés do velho e notou que seus sapatos eram diferentes e, subindo a vista, reparou que o seu trajar diferia de todo mundo. Vestia uma roupa japonesa toda preta e enfeitada com desenhos em vermelho e amarelo. Estranho que ninguém observasse uma figura assim. Vira algumas vezes japoneses vestidos em trajes típicos lá para o lado do bairro japonês, até pela Avenida da Liberdade...

Fixou mais o belo rosto do velho e descobriu que seus olhos eram mais mongóis agora.

— O senhor gosta muito de criança?

— É a coisa mais linda da vida.

— Mas gosta mesmo? Jura que gosta mesmo?

— Não preciso jurar. Porque dentro do meu coração esta é a verdade.

Fitaram-se compridamente. O velho suspirou.

— Ah! Se realmente isso fosse a verdade...

Guardaram silêncio, e foi Pedro que o interrompeu.

— Antigamente desenhar e pintar crianças era o que eu mais gostava de fazer.

— E agora?

— Agora, não sei. Nada do que faço dá certo. E pouca vontade tenho de fazer.

— Não acredita mais na sua arte?

— No momento, não.

— Porquê

— O desânimo. O tempo que passa. O desinteresse. O peso das mãos sem vontade de nada realizar. Às vezes passo semanas sem fechar os dedos contra um pincel ou lápis.

— Não acredita nos motivos, na inspiração?

— A verdade é que não acredito em mim mesmo. Parece que não desejo mais nada. Que cheguei ao ponto máximo sem nada realizar a não ser...

— O quê?

— O limite da mediocridade alcançada... Só. Teve vontade de fumar e apalpou os bolsos vazios. O velho sorriu e retirou de um bolso misterioso da bata um maço de cigarros.

— Quer provar um desses?

Analizou o estranho cigarro nunca visto antes.

— Pode fumar sem susto. Eu também fumarei um. Acendeu o seu e depois o cigarro de Pedro.

O gosto do fumo entrava suave nos pulmões e por um momento sentiu uma paz enorme no coração. Fechou os olhos e quando os abriu parecia que o céu se tornara mais azul e o verde das árvores transparecia de brilhos de Sol.

— São bons estes cigarros.

— Dão paz e calma. Traduzem um pouco da sabedoria milenar do Oriente. A gente tem a impressão de que uma árvore é mais do que uma simples árvore. O céu tem mais significado do que um simples azul. E que a vida significa mais do que todo o seu desânimo avassalador.

Pedro é um pintor solitário que vive em São Paulo. Todos os dias dá um passeio até à Praça da República e fica a admirar em silêncio os pequenos animais, as plantas e as crianças a brincar, à procura de tranquilidade e inspiração.

Um dia, um velho homem mete conversa com ele e leva-o a conhecer o magnífico Palácio Japonês. Aqui vive um Príncipe chamado Tetsuo, que sofre de uma doença incurável.

Pedro e Tetsuo, sob o olhar atento do tio do menino, o Mestre Kankuji, iniciam uma amizade que mudará o destino de ambos.

Nesta história comovente e inesquecível, o autor consegue, uma vez mais, tocar os leitores de uma forma mágica e poética.

 **fábula**
imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-707-840-8

12+



9 789897 078408

Literatura Juvenil